

A propósito do “*Extracto das Festas*” realizadas em Braga aos hóspedes de D. Luís de Sousa, em 1684 Maria da Assunção Jácome de Vasconcelos

Em 30 de Dezembro de 1684, numa sexta feira, deslocaram-se a Braga, de visita ao ilustríssimo Arcebispo D. Luís de Sousa, os seus familiares e amigos, Marquês de Arronches, o Príncipe Senescal, o Marquês de Távora, o Conde de Vila Verde e Rui Pires de Távora.

A notícia havia chegado a Braga oito dias antes e, com o intuito de agradar ao *excelso* D. Luís de Sousa ¹, vários nobres bracarenses prontificaram-se – por iniciativa de João Pinto da Fonseca ² e Manuel da Costa Vasconcelos ³ – a organizar alguns festejos, visando *lisonjear* os famosos hóspedes.

Braga era então uma cidade alegre, acostumada a públicas e magníficas festas, assumindo particular relevância as entradas solenes dos Arcebispos ⁴, as danças de São João e as do Senhor Sacramentado da Sé, nas quais, para além dos *triduos*, dos *sermões*, dos *aparatos* e das *músicas*, se organizavam bailes, comédias e corridas de touros. Para o efeito, como nos refere o memorialista Inácio José Peixoto, gastavam-se *copiosas somas e muitas casas se empenhavam para sempre* ⁵.

Não será pois de estranhar que, ao gosto da época, fossem então planeadas escaramuças e *algum outro desenfado*, como forma de homenagear os ilustres visitantes. Associando-se ao evento, D. Luís de Sousa incumbiu João Pinto da Fonseca de convidar os cavaleiros que haviam de sair à praça, a fim de participarem nos festejos.

Ora, o relato destes acontecimentos encontra-se descrito num curioso documento que trazemos hoje ao conhecimento do público.

Trata-se de um **Extracto das Festas...**, enviado e oferecido por João de Moura Bravo a seu amigo D. Filipe de Sousa, Capitão da Guarda Alemã de Sua Majestade (sobrinho de D. Luís de Sousa)⁶ que, em virtude de se encontrar longe de Braga, não pode realizar a *jornada a tempo*.

O manuscrito existente no Arquivo Distrital de Braga foi meticulosamente copiado por Alberto Feio⁷, nos anos 20, de uma minuta pertencente à livraria do colecionador bracarense José Gomes de Matos Cardoso⁸.

No respeitante ao documento e com o objectivo de descrever os festejos realizados, João de Moura Bravo, autor do manuscrito, não se cingiu a um relatório puro e simples dos acontecimentos, mas efectuou **uma descrição pormenorizada e muito curiosa do interior do Paço Arquiepiscopal em 1684**, relativamente aos seus compartimentos, recheio e decoração. Assim, temos notícia da existência da sala grande, da sala da rosa, da sala do dossel, da sala de visitas, da sala do fogão, da galeria grande (onde se encontra a livraria), do *tincho*⁹, da capela e dos quartos, nomeadamente: o do Arcebispo, o que possui janelas para o Campo dos Touros, o que se segue à galeria, o *apartamento* com seis leitos e o apartamento que ficou destinado à *família de escada abaixo*.

Por outro lado, **o luxuoso recheio é-nos descrito através das peças de mobiliário** – o aparador; os bancos de *espaldas*; os baús; os bufetes de pau preto marchetado de marfim e os de fina pedra de Itália de várias cores (de pés entalhados com pássaros e flores e no meio as armas dos Sousas), ou os bufetes de lustrosa e fina tartaruga e os de pau preto; as cadeiras de moscóvia, com pregaria ou pura pregaria dourada; os *caixões* com doze gavetas e os

duzentos e vinte *caixões* de livros; os contadores de lustrosa e fina tartaruga ou de lustroso pau preto, com finos debuxos de marfim; as credências; as estantes; o guarda roupa de noite; o *juniquidor*¹⁰, os leitos com armações de damasco carmesim e franjas de ouro; a mesa e as tribunas – **ou, ainda, através da pintura**, como as *perspectivas do grande Bibiano* e outros quadros de pintores italianos, como os de Guido Reno, o de Borgonhoni, o de Jacinto Brandi, o de Chiro Ferro e o de Salvatore Rosa, bem como a galeria dos retratos dos Arcebispos¹¹.

Consta ainda daquela descrição, a enumeração dos **tecidos e tapeçarias que decoravam o palácio**: as grandes alcatifas das salas e dos quartos; as almofadas de tela branca, que cobriam o *juniquidor*, as colchas da China, em damasco carmesim, cobertas com toalhas de matizes e com as armas dos Sousas¹²; as admiráveis colchas de montaria, cobertas com toalhas de matizes; os leitos com as armações de damasco carmesim e franjas de ouro; os dosseis e os panos vermelhos que serviam de cobertura aos moveis; as armações nas paredes de inúmeros panos de arras, representando em sequência cenas de mitologia clássica, como as histórias de *Suzana e dos velhos licenciosos*, ou a de *Ciro, rei da Pérsia*, ou a de *Noé*, ou a do *roubo de Helena*, ou a dos *incas* ou a história de *Marco António e Cleopatra*.

As peças de ourivesaria e marfim, como os castiçais e os tocheiros grandes; as credências, com a prata dos Pontificais; e as imagens de Cristo em marfim ou tambaca, são outros objectos de grande valor e de fino gosto.

Para além desta descrição, **João de Moura Bravo regista toda a passagem dos ilustres convidados durante dez dias na cidade de Braga**, os seus entretenimentos, os hábitos de leitura, os jogos e as danças. Através do documento chega-nos a informação de alguns hábitos das elites daquele tempo, nomeadamente a utilização de pastilhas aromáticas nos braseiros, a regra de ceiar em silêncio ou o de tomar chocolate pela manhã, e ainda que, na região de Entre Douro e Minho, o convento do Salvador era célebre na música e no canto e o das freiras dos Remédios em cortesia e civilidade.

Os jogos de canas, os cortes de tela, os desenfadados, os embuçados, os entremezes, as escaramuças, os jogos de lanças, os jogos de cantoadas, os

jogos de fitas, os jogos do pacau, as justas, as máscaras, as sortijas de ginete e outros, constituiram os divertimentos e competições então realizadas.

Os cavaleiros convidados, em número de dezasseis¹³, são, conforme nos refere o autor, da principal nobreza da região. Durante os cinco dias que saíram à praça, muitos vestiram mais do que uma gala e os criados libré nova. O vestuário e o calçado aparece-nos descrito em pormenor, quer através dos borzequins; das capas; das casacas de esparragão apavonada, ou de felpo verde, ou de finíssimo pano, ou de fino pano escuro, ou de pano cor de violeta, ou de primaveras de vários tons (algumas guarnecidas de rendas ou de trena de ouro ou prata), ou de seda apavonada, ou de tetilha verde ou de veludo rosado; quer através dos chapéus de plumas simples ou de vários tons.

Os cavalos, identificados por nomes, apresentaram-se com diferentes arreios: clinas de várias cores; esporas, puas, estribos e loro; sela à africana; jaezes de veludo carmesim bordados a ouro ou jaezes de outros tons e bordadura.

O nome dos cavaleiros, a designação das suas casas ou lugares de origem, os juízes dos torneios, os instrumentos musicais a anunciar as escaramuças, as justas e as sortijas de ginete, bem como muitos elementos de interesse relevante, encontram-se também referenciados detalhadamente.

A concluir podemos afirmar que o ***Extrato das Festas ... , de João de Moura Bravo, de 1685***, redigido num estilo vivo, coloquial e saboroso, consegue dar ao leitor uma panorâmica quasi visual das festas realizadas em Braga de 30 de Dezembro de 1684 a 9 de Janeiro de 1685, e através delas tomar conhecimento da vida quotidiana dos hóspedes de D. Luís de Sousa durante aqueles dias, bem como do ambiente, do cenário, do espírito e dos costumes da sociedade daquela época.

As Festas

Extracto das Festas que os Cavalheiros de Braga fizeram aos Senhores Marquês de Arronches, Príncipe Senescal, Marquês de Távora, Conde de Vila Verde e Rui Pires de Távora, na ocasião em que foram hóspedes do Ilustríssimo Senhor Dom Luís de Sousa, Arcebispo e Senhor da mesma Cidade.

Dedicado ao Senhor Dom Filipe de Sousa Capitão da Guarda Alemã de S. Magestade.

Por João de Moura Bravo.

A Dom Filipe de Sousa
Capitão da Guarda Alemã de Sua Magestade

Meu Senhor. Por algumas cartas de Vossa Mercê soube o impaciente desejo que tinha de se achar em Braga na ocasião das festas que os cavalheiros desta terra fizeram aos hóspedes de Sua Il.^{ma} e como a distância não permitiu fazer-se a jornada a tempo em que Vossa Mercê pudesse lograr os festejos, tomo a confiança de lhos oferecer descritos mas, com pena tão grosseira, que deslustra os melhores primores da Cavalaria; e é certo que deve Vossa Mercê aos cavaleiros Bracarenses uma continuada ânsia de o verem nesta terra, porque de tantas prendas como em Vossa Mercê reconheço (pondo de parte o muito que o amo) é infalível lhe chegasse a notícia;

Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos.

Braga, .2 Fevereiro de 1685

Criado de Vossa Mercê mais amante
João de Moura Bravo

A 23 de Dezembro do ano próximo passado teve o II.^{mo} Senhor Arcebispo Primaz carta do Ex.^{mo} Senhor Marquês de Arronches em que lhe dava conta que o dez. o dever a Sua II.^{ma} o traria a esta terra e que também tinham gosto de fazer a mesma jornada os senhores Príncipe Senescal, Marquês de Távora, Conde de Vila Verde e Rui Pires de Távora. Recebeu Sua II.^{ma} aquela nova com grande alegria, desejando que não houvesse dilação na chegada pelo impaciente alvoroço com que esperava estes Príncipes. Divulgou-se pela cidade esta notícia e, logo que João Pinto da Fonseca e Manuel da Costa de Vasconcelos a souberam com certeza e que a Sua II.^{ma} seria agradável todo o festejo que se fizesse aos hóspedes que esperava, vieram ao Paço a pedir-lhe licença para ajustarem uma escaramuça e algum outro desenfado, a que desse lugar a brevidade do tempo. Estimou muito Sua II.^{ma} esta demonstração com a notícia de que todos os cavaleiros de Braga se achava cada um entre si desejoso de ser nomeado para este obséquio. Porém, porque não houvesse queixa, pois se não podia evitar a inveja, resolveu Sua II.^{ma} que, João Pinto da Fonseca convidasse os cavaleiros que haviam de sair à praça. Achava-se neste tempo em Viana, o Alcaide-Mor Jerónimo da Cunha Sottomaior¹⁴, que chegou no dia seguinte e, nessa mesma noite o buscaram João Pinto da Fonseca, Francisco da Rocha Tinoco¹⁵ e Manuel da Costa de Vasconcelos e, nomeando as pessoas que se haviam de convidar, resolveram que em caso que não chegassem os hóspedes sempre haviam de fazer a festa a Sua II.^{ma} para o divertir da precisa saudade que lhe ocasionaria aquela falta.

Em 6.^a feira que se encontraram, 30 de Dezembro, das sete para as oito horas da noite, se deu conta a Sua II.^{ma} que no mesmo dia tinham partido aqueles Senhores do Porto e que vinham chegando ao Paço. Saíu Sua II.^{ma} a recebê-los com os Senhores Fr. António de Almeida, Manuel Soares, Dom Fernando de Almeida e Dom João de Sousa e toda a família nobre fora da porta da sala grande. Acha-se esta casa com todos os retratos dos Senhores Arcebispos que tiveram esta mitra. Está nela continuamente um dossel de pano vermelho com muitos bordados à moda romana e no meio as armas de Sua II.^{ma}; do mesmo artifício há quatro porteiros, também com as armas. Por baixo do dossel há um aparador coberto com outro pano vermelho em que o porteiro costuma tomar e distribuir as petições que entram e saem despachadas. O mais que fica livre se ocupa com bancos de espaldas para as pessoas a quem não é permitido passarem deste lugar. Davam

luz a esta sala duas tochas em duas tocheiras grandes de prata. Aqui teve o Senhor Marquês de Arronches com Sua II.^{ma} mui dilatados e obsequiosos cumprimentos e, da mesma sorte, os mais senhores.

Desta sala passaram a outra mais pequena, a que comumente chamam da Rosa. Está armada de panos de Arrás e neles mui vivamente tecida a história de Susana e dos velhos licenciosos. Há nela bancos de espaldas para se assentarem as pessoas que têm negócio com Sua II.^{ma} e dali são chamadas à sua presença. Sobre um bufete de pau preto marchetado de marfim estavam dois castiçais grandes de prata com duas velas brandoas.

Entraram na casa do dossel de Sua II.^{ma} que está armada de finíssimos panos de Arrás nos quais em vivas e agradáveis cores se vê a história de Ciro, Rei da Pérsia, que do ventre materno foi lançado no campo, achando criação e amparo, não só na piedade de uma rústica pastora, mas também no instinto de uma indoméstica mastina. Por cima dos panos há frisos de veludo carmesim guarnecidos de larga e custosa trena de ouro, com duas cascatas também franjadas de ouro. Estão nesta casa dois bufetes e dois contadores de lustrosa e fina tartaruga. Sobre os mesmos bufetes estavam quatro castiçais grandes de prata da moda romana com velas brandoas. O mais se ocupa com boas cadeiras de pregaria dourada e, entre elas, dois bufetes de fina pedra de Itália de várias e agradáveis cores, pés entalhados com pássaros e flores e no meio as armas de Sua II.^{ma}.

*De cuya fabrica illustre
lo que es piedra injuria hase
al fino aro, que perfila
Sus molduras, y follages.*

Aos pés do dossel está uma alcatifa grande que ocupa muita parte da casa. No meio havia um braseiro que não só fazia que o frio se diminuísse, mas também que o cheiro de muitas pastilhas se espalhasse. Servem de porteiros a esta casa três quadros de Jacinto Brandi, Chiro Ferro e Rosa célebres pintores de Roma.

Passaram a outra casa em que Sua II.^{ma} costuma tomar visitas que está

armada de finíssimos panos de Arrás e neles claramente distinta a história de Noé, por cima frisos de veludo carmesim com a mesma franja e trena de ouro como a antecedentemente nomeada. Servem de porteiros dois quadros de Bargonhoni e de Rosa; tem uma alcatifa que toma a metade da casa e quatro bufetes, dois de pedra de Itália como os antecedentes e dois pretos marchetados de marfim, nos quais estavam dois castiçais grandes de prata da moda romana, com duas cornucópias, em que se punham seis velas búzias. No meio de cada uma das cornucópias estava um cupido que com a mão enlaçava em um fio de prata a ave de Vénus; o mais que fica livre desta casa se ocupa com boas cadeiras. Havia aqui outro braseiro que, formoso de tão grande hospedaje, se desfazia em aromáticos perfumes.

Porém, dizendo o Senhor Marquês de Arronches que queria chegar-se à chaminé entraram todos em outra casa aonde adoram a Vulcano que (como em próprio trono) impaciente com a primeira visita dos seus alunos invejosamente os convidava, declarando-lhes por mil línguas os ardores de que se originavam as suas chamas. Está armada esta casa de panos de Arrás, em que continua a história de Noé e, por cima, frisos de veludo carmesim com franja e trena de retrós da mesma cor; dois contadores de lustroso pau preto com finos debuxos de marfim e dois bufetes da mesma sorte em que estavam dois castiçais grandes de prata da moda Romana com duas velas brandoas. Aqui conversavam até que o mordomo de Sua II.^{ma}, o Dr. Manuel Antunes de Oliveira (que já o havia sido em Roma, sujeito de grande juízo, capacidade e talento), advertiu que eram horas da ceia; comeram em mesa redonda e por não ser dilatado este Mercúrio se deixam de especificar as muitas e várias iguarias que houve nesta e em todas as mesas a que sempre se servia com prontidão e silêncio.

Acabada a ceia tornaram para o fogo e dali se recolheram os Senhores Marqueses de Arronches a uma casa (aonde também haviam chegado muitos suspiros dos aromáticos alentos), que está armada de finos panos de Arrás com a História do roubo de Helena, frisos de veludo carmesim com franja e trena de vetros da mesma cor e toda riquissimamente alcatifada. Havia nela duas camas de damasco carmesim com vastíssima franja de ouro, colchas da China cobertas com toalhas de matizes e no meio as armas dos Sousas, três

bufetes de lustroso pau preto, um com recado de escrever e dois com quatro castiçais de velas búzias e, servem de porteiros a esta casa, três admiráveis perspectivas do grande Bibiano.

Recolhendo-se para outra casa os Senhores Marqueses de Távora, Conde de Vila Verde e Rui Pires de Távora passaram pela galeria grande em que está a livraria de Sua II.^{ma} com duzentos e vinte caixões cheios de livros. Tem esta casa oito bufetes de fino pau preto com pés retorcidos em que havia dez castiçais de prata com velas brandoas. Entre os bufetes estão quatro dúzias de cadeiras de moscóvia com pregaria dourada. Por cima das estantes a quantidade de pirâmides de lustroso jaspe, vidros de cores extravagantes e quartinhos de Estremoz. Do tecto desta casa baixam vinte fios de arame e, em cada um (coberta com uma capa vermelha), uma gaiola. Em uma se vê que

*Abranda Filomena
chora seu gosto, e canta sua pena,
e em sonoros desvelos
alterna amores, e articula zelos.*

Em outra

*O melro namorado
em saudosos suspiros desatado
enfeitando os ventos
enche o ar de terníssimos concertos.*

Em outra

*Ufano o Pintassilgo leve
Narciso voador músico Adonis,
venturoso, e contente
suas ditas celebra alegremente.*

Em todos tantos e tão destros músicos que se há algum que não seja mestre do canto é condenado a perpétuo desterro. A casa em que dormiram aqueles Senhores (que também fazia injúria aos bosques cheirosos da Arábia), estava

armada de panos de Arrás com a história de Incas, frisos de seda de várias cores, com trena e franja de vetros carmesim; serviam de porteiros dois quadros redondos ambos de muito preço por serem originais de Guido Reno, raro pintor romano. Estava toda custosamente alcatifada e havia nela três leitos, com armações de damasco carmesim e franjas de ouro; admiráveis colchas de montaria cobertas com toalhas de matizes; quatro bufetes dois em que se punham vestidos e, dois com quatro castiçais de prata com velas búzias e o mais que fica livre desta casa ocupavam duas formosimas guarda roupas de noite.

Como Sua II.^{ma} largou a sua casa aos Senhores Marqueses de Arronches se passou para outra que tem janelas para o Campo dos Touros, estava armada de panos de Arrás em que se via a história de Marco António e Cleópatra, a metade alcatifada, com quatro bufetes, um com papeis, outro com vestidos e dois com quatro castiçais de velas búzias.

Os Senhores Manuel Soares, Fr. António de Almeida, Dom Fernando e Dom João se retiraram a outro apartamento, que também estava adereçado e composto, como as mais casas que davam serventia para as nomeadas.

A família nobre dos hóspedes comeu no tincho com a de Sua II.^{ma} e foram hospedados nesta noite e nos mais dias esplendidamente; recolheu-se a um apartamento aonde estavam seis leitos e junto de cada um, um tapete, com cadeiras e bufetes. Para a família de escada abaixo havia duas casas com boas camas, cadeiras e bufetes.

No outro dia pela manhã depois de tomarem chocolate entraram os hóspedes a ouvir missa na capela de Sua II.^{ma} que estava riquissimamente alcatifada. Havia nela duas credências com a prata dos Pontificais, cobertas com toalhas de Nápoles, um *juniquidor*, com pano e almofadas de tela branca. As paredes estão cheias de quadros e em um corredor que há à entrada da capela se vê dois caixões com doze gavetas e, em cada uma, há um Pontifical riquíssimo, uns de inverno outros de verão e das cores da Igreja todos; com dois baús em que costuma ir a prata dos Pontificais. Nas paredes do corredor há muitos e vários quadros Romanos.

*Infinia de los pinseles
de Apeles, e de Tinantes.*

Entre eles duas devotíssimas e grandes imagens de Cristo Senhor Nosso, de marfim uma e, de tambaca, outra. Nesta capela (em que só diz missa Sua II.^{ma}), há duas tribunas em que costumam celebrar os capelães da casa. Acabada a missa entravam todos para a livraria aonde conversaram até horas de jantar. De tarde quiseram ir ao convento das religiosas do Salvador para o que ordenou o cavalheiro Gaspar de Gouveia de Carvalho (que já o havia sido em Roma aonde mostrou com a pendência dos esbirros o quanto era amante do Serviço de Sua II.^{ma} e dos privilégios a que intentaram atrever-se alguns Romanos pouco noticiosos e muito inadvertidos), que se pusessem dois coches. Em um foram os Senhores Marquês de Távora, Conde de Vila Verde, Rui Pires de Távora, Dom Fernando de Almeida e Dom João de Sousa. No outro a família nobre destes senhores. Naquele convento que pela música e instrumentos é célebre Entre Douro e Minho lhe cantaram várias e diversas letras. Declarou certa religiosa uma à viola, só a fim de roubar as atenções que havia naquela Igreja, achava-se ali um soldado que parece militou algum dia naquela indesculpável guerra que virando-se para um dos ouvintes disse:

*Empenhada se mostra esta tirana,
em desmentir-se humana
e quando em ser esquiva mais se empenha
afronta o ser, o nome desempenha
inda que bem pudera
sendo humana, e deixando de ser fera
com condição benigna
ser quando mais humana mais divina.*

Cantou outra religiosa segunda letra também à viola e quando até ali não houvessem sido tantas as suspensões, por ela só se podia dizer:

*Al que viesse su belesa
al que escuchare su vos
dichoso dos veses muese
de nua yotia suspension*

Os Senhores Marqueses de Arronches não saíram do Paço e estiveram com Sua II.^{ma} conversando. O Senhor Príncipe Senescal, como é todo estudioso, na livraria gastava a maior parte do tempo.

Florido em anos, em prudência cano.

Algumas horas desta tarde passou o Senhor Marquês de Arronches falando nas causas de Itália com o Dr. Manuel de Gouveia e Figueiredo ¹⁶, digníssimo secretário de Sua II.^{ma}, que já o havia sido das embaixadas em Roma e merecedor de todas as fortunas, pelas singulares virtudes, letras e talento que concorreu neste sujeito.

Recolheram-se do convento do Salvador aqueles Senhores e depois de se acenderem luzes deu recado o porteiro que na sala dos Senhores Arcebispos estavam muitos músicos com vários instrumentos, pretendendo que os hóspedes quisessem honrá-los com ouvi-los. Saíram e Sua II.^{ma} e depois de haver silêncio no concurso que não era pouco se cantaram várias letras, com suavíssimas vozes em que são peritíssimos os bracarenses. Saíu a bailar um mancebo custosamente vestido, com tanta gravidade, graça e ligeireza, que geralmente foi aplaudido por bailarino mas destro. Com este divertimento se passaram algumas horas da noite do sábado. No domingo seguinte depois de ouvirem missa conversaram até horas de jantar. De tarde se meteram no coche os Senhores Marquês de Távora, Conde de Vila Verde, Rui Pires, Dom Fernando e Dom João e mandaram guiar para o convento das religiosas dos Remédios que, na política e urbanidade, faz injúria aos que se persuadem que só neles se acha a cortesia. Ali declarando uma letra certa religiosa

Cantando deixo llamarse

Filomena de los gentes

Amariles de las aves.

Seguiu-se outra religiosa com uma letra também à viola.

Alternando em suavíssimos clamores

com deliciosos quebros

brandos de amor carícias, e sequebros.

Entretanto se divertia o Senhor Marquês de Arronches conversando particularmente com Sua II.^{ma}. O Senhor Príncipe Senescal gastou aquelas horas em compor um elegantíssimo Poema e de se lhe não pedir uma cópia há em um sujeito da família do Senhor Arcebispo um justo arrependimento.

Logo à noite deu recado o porteiro que tinham entrado na sala vinte e quatro embuçados (com outros tantos instrumentos) e pediam a Sua II.^{ma} lhes permitisse a honra que haviam logrado os músicos na noite passada.

Saíram aqueles Príncipes a ouvi-los, pelos não deixarem invejosos e, depois de assentados e tudo em silêncio, largando as capas se viram vinte e quatro moços custosa e galhardamente vestidos, trazia cada um, seu instrumento e tocando todos juntos faziam tão harmoniosos concertos que deixavam os sentidos arrebatados. Dançaram juntos e, entendendo os circunstantes que uns e, outros, se embaraçavam, então se reconheceu a destreza que todos tinham, porque nem os instrumentos que ao mesmo tempo cada um tocava lhe impedia a soltura, nem houve um que deixasse de parecer mestre daquela dança. No fim bailou o mancebo da noite antecedente com uma tocha na mão tão desembaraçado e sisudo que de todos foi 2.^a vez aplaudido.

A segunda feira, pelo meio dia, estava a praça do Campo dos Touros com inumerável concurso de gente convidada toda da curiosidade, com muitas máscaras de cavalo que, por luzidos, poderão pôr de parte os Rebuços. As janelas se ocupavam com senhoras e, eles, com tão luzidas golias que se admiravam todos da maior grandeza, vendo os adereços que cada uma trazia. E queixa-se muito embora o Oriente de que sendo os seus diamantes e pérolas para o ornato, servissem neste dia ao desprezo, por que logo que cada um reparou nas belezas, ninguém fez mais contadas jóias, estas ficaram esquecidas e aquelas levaram as atenções todas.

Agora se havia de pôr de parte a pena porque nem esta nem ainda a mais polida poderá explicar as excelências dos cavaleiros de Braga pois é tal o assunto que verdadeiramente impera na elegância e, não pode haver elegância para tão grande assunto, só a admiração emudecida poderá ser a mais eloquente vitória, porque se se investigarem as histórias antigas e, modernas, ver-se-á que aos bracarenses se consultavam e, consultam (como a oráculos), os primores da Cavalaria. Digam-no na paz tão continuados exercícios como já o publicaram com línguas de Sangue, tantos encontros bélicos e, sirvam de exemplos (entre outros muitos), um Diocles, que nos anfiteatros Romanos logrou por melhor cavaleiro os maiores prémios depois de ficar vencedor em muitos desafios públicos e, para memória de tantos progressos se lhe levantou uma estátua de

que ainda se conserva uma pedra, em Campo Março, em Roma. Também os moradores de Tarragona levantaram outra a Quinto Poncio Severo, que depois de ganhar os passos a trinta e sete cavaleiros destríssimos logrou outros triunfos e foi perpétuo governador da mesma província. Porém, o que deixa mais suspenso o discurso é a incomparável donzela Catânia que montada em um cavalo fez horrível mortandade no exército inimigo e, para que se não dissesse que fora vencida se matou a si mesma, Vara Matrona! Notáveis heróis! Bem podem os bracarenses gloriar-se de haverem tido estes heróis e bem podem as matronas de Braga estimar o exemplo de Catânia.

Convidaram-se dezasseis cavaleiros da principal nobreza para dentro em cinco dias saírem à praça. Poucos dias para tantas galas. Muito tempo para tão grandes homens de cavalo e, claro está que isto os não impediu a aparecerem, no campo com o próprio aviso e só aquilo os dilatou porque cada um quis fazer vestido novo e muitos cavaleiros saíram com primeira e segunda gala e com os lacaios de libré nova. Da uma para as duas horas da tarde, apareceram no Campo dos Touros (aonde estavam os hóspedes e Sua II.^{ma} nas janelas, que o paço tem para aquela praça), duas alas de cavaleiros montados à gineta, com borzeguins e puas, adagas e lanças com bandeirinhas vermelhas. Traziam diante a cavalo, clarins, atabales, gaitas de fole, tambores e outros instrumentos guerreiros.

Guiava a primeira ala João Pinto da Fonseca, com casaca de veludo rosado guarnecida de rendas de ouro, chapéu com plumas encarnadas e brancas, montado em um formosíssimo cavalo russo rodado com jaezes verde, couro, clinas de multidão de fitas de várias cores.

Seguiram-se

Manuel da Costa da Silveira ¹⁷ com casaca de finíssimo pano coberta com trena de prata e ouro, chapéu com plumas de várias cores; cavalo foureiro, com sela à Africana de extravagante e agradável artifício, clinas azuis e encarnadas.

Diogo Bravo de Menezes ¹⁸, com casaca de felpo verde guarnecidas de rendas de ouro, plumas de várias cores; cavalo castanho, com jaezes recamados de verde e ouro, clinas brancas e encarnadas.

Pedro Feio de Azevedo ¹⁹, com casaca de tela verde guarnecida de rendas de prata, plumas de várias cores; cavalo murzelo, com jaezes de veludo negro, todos bordados de prata, clinas azuis e brancas.

Miguel Pereira do Lago ²⁰, com casaca de tela verde guarnecida de rendas de prata, plumas brancas; cavalo castanho com jaezes de veludo verde, clinas de várias cores.

Manuel de Araújo Leite ²¹, com casaca de tela azul coberta de rendas de prata, plumas brancas; cavalo castanho escuro, calçado com jaezes verdes todos recamados de ouro, clinas de várias cores.

Luís de Barros Gavião ²², com casaca de fino pano escuro coberta de trena de prata e ouro, plumas de várias cores; cavalo castanho escuro, calçado com jaezes azuis bordados de ouro, clinas amarelas e encarnadas.

Fechava esta ala Alexandre de Paiva Marinho ²³, com casaca de tetilha verde cobertas de rendas de prata, plumas encarnadas e brancas; cavalo murzelo, com jaezes tão cobertos de ouro que se não divisou sobre que assentava o recamo, clinas de várias cores.

Guiava a 2.^a ala o Alcaide-Mor Jerónimo da Cunha Sottomaior, com casaca de felpo verde guarnecida de rendas de ouro, plumas brancas; montado em um soberbo cavalo castanho, com jaezes azuis vastissimamente recamados de ouro, clinas azuis, verdes, vermelhas e encarnadas.

Manuel da Costa de Vasconcelos, com casaca de fino pano escuro guarnecida de rendas de ouro, plumas de várias cores; cavalo castanho, com jaezes tão vastamente recamados de ouro que se não divisou sobre que assentavam, clinas encarnadas e brancas.

Vasco Marinho Falcão ²⁴, com casaca de pano cor de violeta guarnecida de trena de prata e ouro, plumas encarnadas; cavalo castanho escuro, com jaezes de veludo encarnado, clinas amarelas e encarnadas.

José Soares de Brito ²⁵, com casaca encarnada coberta de rendas de prata, plumas amarelas; cavalo russo rodado, com jaezes de veludo verde bordado de ouro, clinas de volante verde e amarelo.

Francisco da Costa de Mesquita²⁶, com casaca de primavera parda guarnecida de trena de ouro, plumas de várias cores; cavalo castanho escuro, com jaezes de veludo carmesim bordados de ouro, clinas amarelas e brancas.

Lourenço José de Coimbra²⁷, com casaca de tela negra guarnecida de rendas de ouro, plumas de várias cores; cavalo murzelo, com jaezes de veludo amarelo, clinas encarnadas.

Constantino da Cunha Sottomaior²⁸, com casaca de seda apavonada, guarnecida de rendas de ouro plumas brancas e encarnadas; cavalo melado com cabos brancos, jaezes vermelhos bordados de prata, clinas de várias cores.

Fechava esta ala Francisco da Rocha Tinoco, com casaca de esparragão apavonada, vastamente guarnecida de rendas de prata e ouro, plumas de várias cores; montado em um formoso cavalo castanho escuro, calçado com jaezes de veludo roxo e ouro, clinas verdes e encarnadas.

Logo que o guia da primeira ala entrou no campo foi escaramuçando com os da sua quadrilha prevenindo-se e, guardando posto para a batalha.

Entrou o guia da segunda fazendo o mesmo e formando um castelo se combateram de parte a parte largo tempo. Continuaram naqueles dois fios enquanto andaram airosíssimos e destros os cavaleiros, vendo-se na paz mais gostosa uma representação da guerra mais viva. Deram fim à escaramuça e com incompreensível destreza largaram as lanças e, pegando em canas continuaram a fingida discórdia. Viram-se observados verdadeiramente, naquela tarde, os mais rigorosos preceitos de cavalarias, porque alivando umas e, divertindo outras, andavam primorosos em todas. Acabaram aquele na aparência bélica e, na realidade, obsequioso jogo, passando todos duas carreiras de dois em dois, no fim da segunda na parte em que se acharavam os hóspedes e Sua II.^{ma}.

*Chegam airosos, param os cavalos,
as cortesias formam de vassalos,
Com que hão-de desandar com os olhos medem,
e logo com a vista retrocedem,
mas aqui lhe temi alguns fracassos,
pois nenhum aprendeu dar atrás passos.*

Os hóspedes lhes corresponderam com grandes cortesias e Sua II.^{ma} com muitas bençãos. O Senhor Príncipe Senescal disse que tendo antecipada notícia dos cavaleiros de Braga, com aquela experiência achava mui diminuto tudo o que ouvira, porque certamente podia qualquer deles, presidir na mais ciente academia, aonde houvesse estudo de tão ilustre exercício. Deram os cavaleiros uma volta pela praça, liberais na cortesia, levando muitos vivas em recompensa.

Os contemplativos da cidade, que todos têm justamente voto na matéria da cavalaria, disseram que a escaramuça fora excelente cousa. Os aventureiros de fora desanimaram de sair à praça, vendo o que se havia obrado na tarde daquele dia.

No fim das canas, querendo Francisco da Rocha meter paz na suposta contenda e ficar jogando a lança com Alexandre de Paiva, foi a mudar de cavalo. Mas oh infelicidade! Era o bruto mal domado e, a primeira vez que montava o cavaleiro, pôs o pé na estribeira e, querendo firmar-se na sela, começa o cavalo a tremer, reconhecendo que tinha sobre si quem o havia de sujeitar. Dizem alguns, que de soberbo, mas o certo é que de medroso se deixou cair para trás desmaiado, vendo-se o cavaleiro naquele perigo firma no chão a lança que lhe serviu de remo para evitar o naufrágio.

*Se ao remo nos condenastes,
Sendo tão grande piloto,
desculpado está Fernando
em dar com a barca nos lodos.*

Francisco da Rocha Tinoco tinha andado na escaramuça e nas canas, destríssimo cavaleiro, porque pondo a adarga de parte, com uma cana ofendia e com outra se reparava. Estava nomeado para mantenedor²⁹ da sortija de gineta, porém, como o maltratou a queda, não pôde sair à praça, substitui-lhe Alexandre de Paiva, seu padrinho, grandíssimo cavaleiro.

Nesta noite se divertiram os hóspedes com vários da terra e muitos cavaleiros dos que tinham saído à praça, conversaram largo tempo e ultimamente jogaram o pacaú os Senhores Príncipe Senescal, Marquês de Távora e Luís

de Barros Gavião, mostrando todos igual sossego no perder, que no ganhar, circunstância muito para a divertida e, em Braga, bem observada.

Na 3.^a feira, se o arco celeste³⁰ nos não assegurava, que não há-de ser de água o segundo dilúvio, podia entender-se que neste dia tinha o seu princípio, com que não puderam os cavaleiros sair ao terreiro. Ainda, assim, como na noite antecedente, se havia dado uma petição ao Senhor Marquês de Arronches, em que se pedia a Sua II.^{ma}, permitisse que houvesse máscaras de pé, despachou Sua II.^{ma} como os Senhores Marqueses, foi servido, que podia havê-las sem arma de algum género. Mandou o Dr. Ouvidor³¹ lançar bando na forma que se lhe ordenava naquele despacho, começou a alvoroçar-se o povo com alegria, saíram as máscaras à reza e, como em todos havia este desejo, não repararam em estar o dia tempestuoso e, cada um com diferentes e, decorosas galantarias, obrigavam a que estivessem as janelas povoadas.

Nesta noite se representaram na sala dois galantíssimos entremezes e se cantaram dois discretíssimos bailes, no fim saiu a dançar um moço vestido de chamalote branco invejoso do aplauso que havia tido o seu condiscípulo, teve dos circunstantes o primeiro voto ficando, em segundo lugar, o mancebo das noites antecedentes. O Senhor Marquês de Arronches disse a Sua II.^{ma} que se não chovesse havia de fazer jornada na manhã futura porque um negócio preciso o obrigava a achar-se à 5.^a feira, no Porto. Procurou Sua II.^{ma} com repetida instância que se dilatasse a sua assistência, porém, como era mui poderosa a ocupação que ali o chamava, não se logrou a diligência de Sua II.^{ma} e, na manhã de 4.^a feira, vendo que o dia suposto estava enevoadado, não prometia ser chuvoso, saiu desta terra e o Senhor Príncipe Senescal.

Aqui se dilataram mais dias os Senhores Marquês de Távora, Conde de Vila Verde e Rui Pires. É certo que se sua II.^{ma} não tivera a companhia destes Senhores que lhe seriam mais custosas as saudades dos ausentes.

Quiseram os cavaleiros continuar a festa mas não estava capaz a praça, pela muita chuva do antecedente dia. Esperou-se o de 4.^a e 5.^a feira quando, na 6.^a, da uma para as duas horas, apareceu (com todos os cavaleiros montados à brida com botas e esporas), o mantenedor da sortija dobrida, Vasco Marinho Falcão, apadrinhado por seu irmão Alexandre de Paiva Marinho. Fizeram todos

as continências aos hóspedes e a Sua II.^{ma} recolheram o mantenedor à sua tenda que estava armada de várias sedas.

Os Senhores Marqueses de Távora e Conde de Vila Verde, como tão grandes cavaleiros entre ambas as selas, foram nomeados para juízes das sortijas e justas. Assistiam ambos a uma janela para ouvirem os requerimentos dos padrinhos em favor dos afilhados.

Manuel da Costa de Vasconcelos, com discretos cumprimentos pediu licença aos juízes para romper o terreiro e correr duas lanças o cavaleiro do Salvador, de quem era padrinho, concedeu-se-lhe e saíu o mantenedor, com casaca de primavera verde, guarnecida de rendas de ouro, montado em um famoso cavalo castanho escuro. Correu com todo o primor primeira e segunda lança, ainda que não tocou, nem lançou fora a sortija. Seguiu-se o cavaleiro do Salvador, Fernão Rebelo de Mesquita³², com casaca de primavera verde guarnecida de rendas de ouro, montado em um esportíssimo cavalo pombo. Correu primeira e segunda lança e, ainda que não levou a sortija, nem tocou nela lhe julgaram o posto e o primeiro preço por haver quebrado um loro ao cavalo do mantenedor que também levou prémio.

João Pinto da Fonseca, com obsequiosas continências pediu licença para correr duas lanças o cavaleiro de São Lázaro, concedeu-se-lhe e saíu o mantenedor que passou duas com a mesma bizzaria das outras, tocando a sortija sem que o lançasse fora. Seguiu-se o cavaleiro de São Lázaro, Alexandre Paiva Marinho, com casaca encarnada, guarnecida de rendas de ouro em um vivíssimo cavalo, castanho e passando com galhardia as duas lanças, na segunda, levou a sortija, com que lhe julgaram o posto e o primeiro preço. Levando também prémio o mantenedor.

Tornou Manuel da Costa de Vasconcelos a pedir licença para correr duas lanças o cavaleiro de Santo António, concedeu-se-lhe e saíu o mantenedor que passou duas com o primor e galhardia dos outros, na primeira encordou e, na segunda, levou a sortija. Seguiu-se o cavaleiro de Santo António, Leonardo Lopes de Azevedo³³, com casaca de primavera parda, guarnecida de rendas de prata, montado em um formoso cavalo remendado e, passando duas lanças com destreza e bizzaria, em uma delas, levou a sortija e lhe julgaram o posto e

o primeiro preço, por haver encordado na primeira o mantenedor que também levou prémio.

Alexandre de Paiva, com políticos cumprimentos, pediu licença para correr duas lanças o cavaleiro das Damas. Concedeu-se-lhes e saiu o mantenedor passando as duas com o bom sucesso das outras porque tocou a sortija com ambas. Seguiu-se o cavaleiro das Damas, Francisco Pereira Brandão³⁴, com casaca de primavera verde guarnecida de rendas de ouro montado em um fogoso cavalo russo queimado. Correu duas lanças, com o primor de bom cavaleiro, mais ficou o mantenedor no posto ganhando o primeiro preço e também levou prémio o aventureiro.

Pediu licença com rasgada cortesia, o Alcaide-Mor Jerónimo da Cunha, para correr duas lanças o cavaleiro de São Francisco. Concedeu-se-lhe e passou duas o mantenedor, primoroso e cavaleiro nestas, como em todas e, na segunda tocou a sortija. Seguiu-se Diogo Bravo de Meneses, com casaca de finíssimo pano, guarnecida de rendas de ouro, montado em um soberbo cavalo castanho claro. Correu as duas lanças com primorosa destreza e galhardia, mas foi julgado o posto e, o primeiro preço, ao mantenedor, levando também prémio o aventureiro.

Tornou João Pinto da Fonseca a pedir licença para correr duas lanças o cavaleiro Turco. Concedeu-se-lhe e passou duas o mantenedor, cavaleiro nestas como nas outras, ainda que agora não tocasse a sortija. Seguiu-se o cavaleiro Turco, Jerónimo da Cunha, com casaca de primavera branca com jasmims de ouro, montado em um espertíssimo cavalo murzelo. Correu primeira e segunda lança, com duas tocou e, com outra lançou fora a sortija e se lhe julgou o posto e o primeiro preço, levando também prémio o mantenedor. Pediu licença António Pereira do Lago³⁵ para correr duas lanças o cavaleiro de São Frutuoso, concedeu-se-lhe e passou duas o mantenedor, tocando com a primeira a sortija. Seguiu-se o cavaleiro de São Frutuoso, Miguel Pereira do Lago, montado em um formoso cavalo castanho. Correu primeira e segunda lança, mostrando que tinha boas lições de cavalaria, mas foi julgado o posto e o primeiro prémio ao mantenedor, levando também prémio o aventureiro.

Havia muitos aventureiros na praça que desejavam provar ventura mas já sem

esperança de correrem naquele dia porque a noite se avizinhava e, como se não via bem a sortija pediu licença João Pinto da Fonseca para romper o terreiro o mantenedor, seu afilhado. Concedeu-se-lhe ainda que os circunstantes desejavam mais dilatadas aquelas horas em que ostentavam os cavaleiros bracarenses muchísimos primores aprendidos de outros bracarenses cavaleiros e, se, nesta ocasião foram só desasseis os nomeados, haverá outras em que também da principal nobreza possa entrar maior número de cavaleiros.

Nos requerimentos dos padrinhos em favor dos afilhados serviram os termos mais políticos porque requerendo cada um pelo que lhe tocava, aplaudia ao mesmo tempo o que se lhe opunha. Respondam agora os cortezãos mais maquiavélicos quantas vezes viram observar estes termos?

Rompeu o mantenedor Jerónimo da Cunha, o Turco, o terreiro com uma galante escaramuça em que entraram todos os cavaleiros da primeira tarde e aventureiros deste dia, uns e outros, merecedores de muitos panegíricos no fim passaram de dois em dois tão velozes que

*Aganal carro por la arena muda
no coroiro com mas silencio mesa*

E fazendo continência para onde estavam os hóspedes e Sua II.^{ma}, acompanharam o mantenedor a casa. Ordenou Sua II.^{ma}, que neste e nos mais dias, se dessem os prémios a arbítrio dos cavaleiros e, queixosa a sua grandeza de que não nomeassem maiores preços, advertiu que, dali em diante, se dobrasse o que cada um dissesse. Os desta tarde constaram de fitas de tela e lavradas, meias e cortes de tela.

No sábado de madrugada começaram os clarins, caixas e gaitas de foles a avisar os cavaleiros que nesta tarde havia sortija de gineta, para que fossem acompanhar o mantenedor para a praça. Saíram as máscaras a fazer mais alegre o dia com as invenções de que cada um usava. Entretanto, os Senhores Marquês de Távora, Conde de Vila Verde e Rui Pires foram à Sé, aonde viram com pia e devota ternura, intacto e venerado por Santo, o cadáver do Arcebispo Dom Lourenço de Lencastre. Começou a correr gente para o Campo dos Touros, acharam-se em casa do mantenedor, pelo meio dia, os cavaleiros e,

pela uma hora, apareceu com todos na praça, Alexandre de Paiva Marinho, montado em um formosíssimo cavalo murzelo e, em outro castanho, mui esperto, vinha João Pinto da Fonseca por seu padrinho e, dando todos volta pelo Campo recolheram o mantenedor ao seu posto. Neste tempo se deu recado que os Juízes convidaram a dois cavaleiros para jogarem as contoadas e fazendo todos grande estimação daquela honra, nomearam ao mantenedor da gineta como Senhor da praça e a Manuel da Costa de Vasconcelos, como padrinho dos aventureiros. É certo que qualquer dos cavaleiros que fosse nomeado fazia progressos neste jogo, mas elegeram-se os dois com consentimento de todos. Saiu o Senhor Marquês de Távora em um cavalo castanho escuro, que pareceu trazia dentro em si *mangibelo*. O Senhor Conde de Vila Verde em outro também castanho, em que nessa manhã havia montado e por domar nesta tarde a sua soberba o pediu ao Alcaide-Mor Jerónimo da Cunha, que naquelas horas andou de rebuço na praça Alexandre de Paiva, no murzelo em que vinha e Manuel da Costa de Vasconcelos, no castanho em que no primeiro dia apareceu.

*Los Cavallos Fabonios Andaluses
Gastando-le al Peru oro en los frenos
Y los vayos al Sol en los jaezes.*

Jogaram as contoadas largo tempo, parecendo aos circunstantes mui pouco, tal era a hidropisia com que os viam, que tinham sede do que logo já ninguém se lembrava de que havia sortija de gineta nessa tarde porque a todos suspendia a festa presente a que deram fim com uma carreira para onde estava Sua II.^{ma} a quem fizeram obsequiosa continência e na velocidade com que os quatro cavalos correram, só se pode compreender que partiram e pararam.

*Que no distingue la vista
atenta a su ligereza,
si sou del Euro estorundos,
si sou del Fabonio flechas.*

Recolheram-se os juízes à sua janela, entrou, o mantenedor na tenda e pediu licença Manuel da Costa de Vasconcelos para passar duas lanças o cavaleiro do Salvador. Concedeu-se-lhe e correu duas o mantenedor, na primeira tocou e, na segunda, levou a sortija. Seguiu-se o cavaleiro do Salvador, Fernão Rebelo

de Mesquita, que correndo as duas lanças com o primor de bom cavaleiro, nem levou nem tocou a sortija e foi julgado o primeiro preço ao mantenedor, levando também prêmio o aventureiro.

Pediu segunda vez licença Manuel da Costa de Vasconcelos para correr duas lanças o cavaleiro do Desterro, concedeu-se-lhe e, passou duas o mantenedor, na primeira lançou fora a sortija e, na segunda tocou nela. Seguiu-se o cavaleiro do Desterro, Manuel da Costa da Silveira, que correu duas primorasas e destramente, ainda que só na segunda tocasse a sortija. Julgou-se o primeiro preço ao mantenedor, levando prêmio o aventureiro.

Pediu licença 3.^a vez, Manuel da Costa de Vasconcelos, para correr duas lanças o cavaleiro da Ponte do Porto, concedeu-se-lhe e, passou duas o mantenedor com a bizzarria das outras ainda que agora não tocasse com alguma a sortija. Seguiu-se o cavaleiro da Ponte do Porto, António Pereira do Lago, correndo as duas lanças com primorosa destreza, mas também, não tocou a sortija e entraram os padrinhos a requerer a justiça dos afilhados e resolveram os juizes que se corresse 3.^a lança, passou o mantenedor a sua deitando a sortija fora, seguiu-se o aventureiro que só tocou nela e ainda que seja mui experimentado cavaleiro, se julgou o primeiro preço ao mantenedor, levando igual prêmio o aventureiro.

Havia Sua II.^{ma} mandado que neste e nos mais dias fossem os prémios dobrados, já que os cavaleiros andavam neste particular remissos e assim constavam os desta tarde de fitas, chamalotes, primaveras e telas.

Pediu João Pinto da Fonseca licença para romper o terreiro o mantenedor, seu afilhado, concedeu-se-lhe e, no mesmo tempo, montaram os dois juizes a cavalo e foi guiando a escaramuça Alexandre de Paiva Marinho, com todos os cavaleiros dos dias passados e aventureiros desta e da antecedente tarde. Feitas as continências a Sua II.^{ma}, acompanharam todos o mantenedor até à porta, honra bem merecida de Alexandre de Paiva, pela sua pessoa e também é certo, que a todos os cavaleiros nomeados desejaram os juizes fazer semelhantes obséquios, mas todos cortesãos, todos políticos e todos discretos, se escusaram destes os oferecimentos, antes querendo acompanhar até o Paço aos Senhores Marquesses e Conde eles o não consentiram dizendo que a tão grandes professores da cavalaria estavam obrigados a fazer contínua assistência.

No domingo deu notícia a alvorada, aos que se haviam de prevenir para a guerra futura. Concorreu gente a povoar a praça e pelas teias que nela estavam postas, se viu que era a tarde de justas. Saíram as máscaras umas com *evenções* ridículas e outras, com golas lustrosas, estes, montados a cavalo para verem de mais perto o conflito e, aqueles, pondo-se de longe por melhor fingirem o medo. Entretanto se meteram no coche o Senhor Marquês e Conde e foram pagar visita aos cavaleiros da terra que os haviam buscado expondo a todos as saudades com que partiam de Braga e a justa inveja que sempre teriam desta assistência. Foram os cavaleiros buscar o mantenedor Alexandre de Paiva Marinho que, com todos e com muitos instrumentos bélicos, entrou pela uma hora no Campo dos Touros, vinha montado em um soberbo cavalo castanho e vestido de lustrosas armas brancas. Apadrinhavam-no João Pinto da Fonseca e o Alcaide-Mor Jerónimo da Cunha, este montado em um formoso cavalo sevilhano e, aquele, em outro murzelo esportíssimo. Deram todos volta pela praça e no fim recolheram o mantenedor à sua tenda.

Manuel da Costa de Vasconcelos montado em um formoso cavalo branco e, António Pereira do Lago, em outro castanho escuro, pediram licença para romperem o terreiro e provar ventura com a lança, contra o mantenedor Alexandre de Paiva. Francisco Pereira Brandão, cavaleiro de Santa Ana, concedeu-se-lhes e saíu o aventureiro em um cavalo russo rodado com lustrosas armas brancas. Chegaram os dois contrários aos seus postos; receberam as lanças das mãos dos padrinhos e às vozes de um clarim, partiram os dois cavalos tão soberbos e os cavaleiros tão animosos que a ambos se prometia o triunfo. Correram segundas lanças com a mesma bizzarria das outras e porque o mantenedor quebrou primeira e segunda como manda a regra da cavalaria e o aventureiro só a segunda, se julgou o primeiro preço ao mantenedor, levando igual prémio o aventureiro.

Tornou António Pereira do Lago e Manuel da Costa de Vasconcelos a pedir licença para quebrar duas lanças Manuel da Costa da Silveira, cavaleiro do Desterro. Concedeu-se-lhe e saíu o aventureiro com armas brancas mui douradas e vistosas montado em um formoso cavalo castanho escuro. O mantenedor observando sempre a regra de bom cavaleiro se passou da tenda ao seu posto e ambos ao estrondo do clarim.

*Partieran pues tão veloses
que ya trocado los puestos
muchos no determinarán,
Si paravan e partieran,
aviendo em medio las lanças
hechas assomos del viento.*

Correram segunda, primorosos como na primeira, quebrou o aventureiro a sua nos feitos ao contrário que suposto correu como de tão grande cavaleiro se esperava não quebrou a segunda lança, com que foi julgado o posto e o primeiro preço ao aventureiro, levando igual prémio o mantenedor.

Pedro Feio de Azevedo e Jerónimo da Cunha, o Turco, este, montado em um formoso cavalo murzelo e, aquele, em um esportíssimo castanho claro (Pedro Feio no nome, mas mui galã na pessoa, Jerónimo da Cunha, o Turco, apelido suposto, porque é um cavalheiro bem procedido), pediram licença para experimentar ventura o cavaleiro de Semelhe, Jerónimo da Rocha³⁶. Concedeu-se-lhe e saiu o aventureiro montado em um formoso cavalo castanho, vestido com lustrosas armas brancas. Correu duas lanças com o mantenedor com muito valor e bizzaria, quebrou a segunda nos peitos ao contrário, porém, o mantenedor primeira e segunda ao aventureiro, que suposto não tirou o mantenedor do posto levou igual prémio.

O Alcaide-Mor Jerónimo da Cunha e João Pinto da Fonseca pediram licença para de novo quebrar duas lanças o primeiro mantenedor Alexandre de Paiva Marinho e agora cavaleiro de São Lázaro, concedeu-se-lhe. Correu primeira e segunda como mantenedor e ambas as quatro com o valor e destreza das outras, porém, como o mantenedor quebrou só uma e o aventureiro ambas, lhe foi julgado o posto e o primeiro preço, levando igual prémio o mantenedor.

António Pereira do Lago e Manuel da Costa de Vasconcelos tornaram a pedir licença para quebrar duas lanças o cavaleiro de São Sebastião, Manuel de Araújo Leite. Concedeu-se-lhe e correndo primeira e segunda com o mantenedor, entraram em requerimentos os padrinhos, porém, como os juizes votaram desinteressados resolveram que se quebrasse 3.^a lança pois até então não havia diferença no primor dos dois contendores. Correram 3.^a lança e ainda que ambos quebraram as seis foi julgado o posto e o primeiro preço ao aventureiro por haver perdido o mantenedor um estribo, mas levou igual prémio.

Luís de Barros Gavião e Diogo Bravo de Meneses, o primeiro montado em um formoso cavalo castanho claro e, o segundo, em outro castanho escuro pediram licença para quebrar duas lanças o cavaleiro dos Bosques, Leão Bravo da Silva³⁷, concedeu-se-lhe e ainda que ambos andaram destríssimos e valerosos cavaleiros, se julgou o posto e o primeiro preço ao aventureiro, por quebrar uma só lança o mantenedor, que também levou igual prémio.

Tornou João Pinto da Fonseca e o Alcaide-Mor Jerónimo da Cunha a pedir licença para quebrar duas lanças o cavaleiro de São Francisco, Vasco Marinho Falcão. Concedeu-se-lhe e suposto que aventureiro e mantenedor correram destros e quebraram as lanças valorosas, se julgou o posto e o primeiro preço ao aventureiro, levando igual prémio o mantenedor.

António Pereira do Lago e Manuel da Costa de Vasconcelos tornaram a pedir licença para 2.^a vez sair à batalha Francisco Pereira Brandão, cavaleiro de Santa Ana. Concedeu-se-lhe e correram ambos com todo o primor da cavalaria, mas como o aventureiro quebrou só a primeira lança e o mantenedor primeira e segunda se lhe julgou o posto e o primeiro preço levando igual prémio o aventureiro.

Viam os cavaleiros que se achavam na praça, que se não podia correr mais naquele dia e como era o último das festas, quiseram todos aproveitar-se daquela hora com uma escaramuça. Pediram os padrinhos licença para romper o terreiro o mantenedor seu afilhado. Saíu Vasco Marinho Falcão guiando a escaramuça que suposto não foi de muitas voltas, por estar a praça ocupada com as Teias foi o que bastou para deixar aos circunstantes mui saudosos daqueles festejos e na esperança de que poderá haver outros muitos se continuam os exercícios, ou para melhor dizer os desenfadados, pois não necessitam de exercícios cavaleiros tão destros, como é testemunha a presente experiência. Há uma vez na semana aquele entretenimento a que cada um acode, com a prontidão com que a todos convida a curiosidade e não só os que se acharam nestas festas, mas outros também da principal nobreza que nesta ocasião não saíram à praça, por estarem uns ausentes e outros com ocupações justificadíssimas, porém, como todos desejam dar gosto a Sua II.^{ma} procuraram achar-se prontos para os futuros acontecimentos. Os prémios desta última tarde constaram de chamalotes, primaveras e telas.

Na 2.^a feira de madrugada partiu o Senhor Marquês de Távora para as suas terras e os Senhores Conde de Vila Verde e Rui Pires de Távora para o Porto, deixando todos a Sua II.^{ma} saudoso de se não dilatar a sua assistência mais tempo.

Notas

¹ D. Luís de Sousa nasceu em 14/5/1637 na grande Casa do Calhariz, freguesia do Castelo de Sesimbra, e faleceu em Braga em 29/4/1690. Era filho de D. António de Sousa e de D. Leonor de Melo, e irmão de D. Francisco de Sousa, sucessor na Casa de Calhariz – 3.º avô do 1.º Duque de Palmela. Foi bispo de Lamego (1668-1677), arcebispo de Braga (1677-1690) e embaixador de Portugal em Roma (1675-1682) – (FERREIRA, José Augusto – *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga, séc. III a XX*. Ed. Mitra bracarense, 1932, vol. 3, pp. 189-197).

² João Pinto da Fonseca foi Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício, Capitão de infantaria etc. e filho de João de Queiroz da Fonseca, fidalgo da Casa Real, Senhor da Casa do Outeiro, em Medrões (Penaguião), e de sua mulher D. Clara de Castro, administradora do vínculo de Sá, em S. Veríssimo (Santa Cruz de Riba Tamega). Casou na Capela da Quinta das Hortas (freguesia de Maximinos) a 12/12/1663, com D. Catarina da Cunha e Gusmão, falecida na Casa das Hortas a 19/9/1683, filha de Luís Álvares da Cunha e Gusmão, Senhor da Casa e quinta das Hortas ou das Cónegas, e de sua mulher D. Maria Machado de Almada. (AFONSO, Domingos Araújo – *Da verdadeira origem de algumas famílias de Braga e seu termo*. Sep. "Minia", vol. 1, 1946).

³ Manuel da Costa e Vasconcelos foi Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Senhor da Casa do Paço de Anariz, na Veiga do Penso, e Senhor da Casa e Quinta das Portas, em Braga (ao Rechicho). Filho legitimado, por Carta Régia de 4/5/1643, de Santos Mendes de Vasconcelos e de D. Brites de Mesquita, casou em S. João do Souto, Braga, a 15/5/1660, com D. Mariana da Silveira, filha de António da Costa de Carvalho, cidadão de Braga e de sua mulher D. Isabel da Silveira, de Coimbra (Afonso, ob. cit., sep. "Bracara Augusta", vol. 5, 1954).

⁴ Ficou célebre a entrada solene do Arcebispo D. Luís de Sousa em Braga, a 3 de Julho de 1683. Durante oito dias realizaram-se festas estrondosas.

⁵ A.D.B. – *Mss. 888; Memórias Particulares de Inácio José Peixoto: Braga e Portugal na Europa do séc. XVIII*. Introd. Luís A. Oliveira Ramos, coord. José Viriato Capela. Ed. Arquivo Distrital de Braga, *Col. Estudos e Manuscritos*, n.º 2, Braga, 1982, p. 5.

⁶ D. Filipe de Sousa foi filho de D. Francisco de Sousa, capitão da Guarda do Conselho de Estado e de sua mulher D. Helena de Portugal. Foi também capitão da Guarda, deputado da junta dos três estados, Alcaide-mor da Certã e de Ervededo. Casou com D. Catarina de Meneses, filha dos 1.ºs Marqueses de Alegrete.

⁷ Foi Director da Biblioteca Pública e 1.º Director do Arquivo Distrital de Braga (1918-1954).

⁸ FERREIRA, J. Augusto – ob. cit., pp. 192-193.

⁹ O mesmo que tinelo: a casa onde comem os criados e *famulos*, em mesa redonda.

¹⁰ Provavelmente o mesmo que genuflexório.

¹¹ Esta galeria de retratos dos arcebispos de Braga foi mandada organizar por D. Frei Agostinho de Jesus (1588-1609) e ampliada mais tarde por D. Rodrigo da Cunha (1627-1636), D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728) e outros. Encontra-se, actualmente, no Paço Arquiepiscopal (rua de Santa Margarida).

¹² Armas dos Sousas de Arronches.

¹³ Segundo refere João de Moura Bravo existiam em Braga muitos outros cavaleiros, “da principal nobreza”, que não participaram nos torneios, em virtude de se encontrarem “uns ausentes e outros com ocupações justificadíssimas”.

¹⁴ Jerónimo da Cunha Sottomaior sucedeu na Alcaldaria mor de Braga, por morte de seu pai, Pedro da Cunha Sottomaior, tendo sido provido pelo cabido sede vacante e tomado posse em 17/7/1670. Foi também Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Capitão de Infantaria. Nascido em Braga, freg. de S. Vítor, a 13/1/1641, casou em Vila Real com D. Isabel de Mendonça, filha de João Soares de Mendonça e de sua mulher, D. Filipa de Sousa e Alvarenga, administradora e filha dos morgados de Pena de Aguiar e Abuela, situados no couto de Provezende. Faleceu na sua Casa das Lages, em S. José de São Lázaro, Braga, a 28/11/1712, e foi sepultado no Convento de Nossa Senhora dos Remédios da 3.ª Ordem de S. Francisco desta cidade de Braga (AFONSO, ob. cit., sep. “*Bracara Augusta*”, vol. 20, 1967; GAIO, Felgueiras – *Nobiliário de Famílias de Portugal*, tit. Rebelo, § 9). Tinha 43 anos em 1684.

¹⁵ Francisco da Rocha Tinoco foi cidadão de Braga e cavaleiro professo na Ordem de Cristo etc. Filho de Francisco da Rocha Tinoco (falec. a 18/9/1688, na Sé), Cavaleiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher, D. Ana de Araújo, falec. a 14/3/1690. Baptizado na freguesia da Cividade, em Braga, a 19/10/1638 e falec. na Sé a 26/7/1693, casou com D. Guiomar de Vasconcelos Coutinho a 17/6/1685, em S.¹⁰ Estevão de Geraz, Póvoa de Lanhoso, filha de João da Costa Vasconcelos e de sua mulher D. Helena de Moura Coutinho. (AFONSO, ob. cit., sep. “*O distrito de Braga*”, 1970; GAIO, ob. cit., tit. Machado, § 44 e 88, tit. Tinocos de Braga, § 10). Tinha 46 anos, em 1684.

¹⁶ O seu retrato, com ligeiras notas biográficas, encontrava-se na Casa dos Costas, Praça Municipal, em Braga (vid. FERREIRA, ob. cit., p. 193), actual n.º 62 da dita Praça.

¹⁷ Manuel da Costa da Silveira foi filho de António da Costa de Carvalho e de sua mulher D. Isabel da Silveira; neto paterno de Francisco Álvares e de D. Isabel da Silveira e materno de Sebastião Rodrigues Pimenta e de Paula Rodrigues da Silveira. Casou com uma irmã do cavaleiro Manuel da Costa e Vasconcelos (acima referido, em nota). – GAIO, ob. cit., tit. Costa, § 85, n.º 3 e tit. Gouveia, § 34, n.º 12.

¹⁸ Diogo Bravo de Meneses foi filho de Leão Bravo da Silva e de sua mulher D. Ana de Azevedo. Nasceu a 14/7/1629 e faleceu, na Casa de Montélios (perto do convento de S. Francisco), em Real, a 29/10/1688. Casou com D. Maria de Gusmão Sottomaior, a 7/7/1658, na Sé, filha de Miguel Resende Sottomaior e de sua mulher D. Ana Ferreira. (AFONSO, ob. cit., “*O distrito de Braga*”, 1970). Tinha 55 anos em 1684.

¹⁹ Pedro Feio de Azevedo foi filho de Leonardo Lopes de Azevedo, Fidalgo da Casa Real, Capitão-Mor de Prado e de D. Ana Pereira, casou com D. Joana Pimentel, filha de Sebastião da Rocha e de D. Maria Rebelo. (AFONSO, ob. cit., sep. “*Bracara Augusta*”, vol. 20; GAIO, ob. cit., tit. Aranha § 27, n.º 11 e tit. Rebelo, § 11, n.º 10).

²⁰ Miguel Pereira do Lago foi Cavaleiro da Casa Real (alvará de 30/7/1687) e cavaleiro da Ordem de Cristo, Senhor da Quinta dos Lagos ou de S. Frutuoso, do Prazo do Casal de Montélios e Casal da Fonte, em S. Jerónimo de Real, e do casal dos Chãos ou Quinteiro, em Braga. Filho de João Pereira do Lago e de sua mulher D. Maria Barreto do Amaral da Cunha foi baptizado em 20/8/1662, em Santa Leocádia de Geraz, e faleceu na sua casa dos Lagos, na rua de S. João, (actual n.º 8), em Braga. Casou três vezes, a primeira das quais em 1699, com D. Catarina Felgueiras de Magalhães (GAIO, ob. cit., tit. Lagos de Braga, tit. Costa, § 59, n.º 8). Tinha 23 anos em 1684.

²¹ Manuel de Araújo Leite vivia na rua de S. Sebastião.

²² Luís de Barros Gavião cidadão de Braga, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Ouvidor de Braga, Senhor da Casa de Turiz e compadroeiro da sua igreja, Senhor de uma das casas do Campo da Vinha, etc.

Casou em S. João do Souto, a 6/7/1671, com D. Teresa de Paiva de Andrade de Macedo Coimbra, filha do Dr. Miguel de Coimbra de Andrade de Macedo, administrador do vínculo dos Coimbras etc. e de sua 2.^a mulher, D. Francisca de Paiva de Andrade (AFONSO, ob. cit., vol. 29, p. 309).

²³ Alexandre de Paiva Marinho Senhor da Casa de Trás da Sé (actual n.º 4 da rua de S. João), que fora de seu tio, o cônego Manuel Gonçalves Antão; 2.º administrador do vínculo de Nevogilde, Sargento-Mor de Braga, Familiar do Santo Ofício (carta de Inquirição de Coimbra de Maio de 1685), vereador em Braga, grande cavaleiro etc. Nasceu em Braga a 25/10/1652 e faleceu em 1725. Casou em 1.^{as} núpcias com D. Micaela Araújo Dantas. Era filho de Francisco Pereira Marinho e de sua mulher D. Angélica de Paiva (AFONSO, ob. cit., “*Bracara Augusta*”, 1955). Tinha 32 anos, em 1684.

²⁴ Vasco Marinho Falcão, irmão de Alexandre de Paiva Marinho (referido na nota anterior). Foi baptizado em Nevogilde a 5/12/1660 e suicidou-se em 20/7/1732. Foi grande cavaleiro. Tinha 24 anos em 1684.

²⁵ José Soares de Brito, natural e morador em Braga, foi filho de Teotónio Soares de Brito, natural de Valença, morador em Braga, e de D. Madalena Pereira do Lago, natural da Baía, Brasil (casamento na Baía a 24/6/1657). Casou com D. Inês Madalena Lobo Maldonado e Azevedo, filha de D. João Maldonado e Azevedo, de Vila de Terena, e de D. Brites da Gama Lobo, natural de Olivença (A.D.B. – *Inquirição de Genere*, proc. 9641).

²⁶ Francisco da Costa de Mesquita, filho de Francisco da Costa de Mesquita e de sua 1.^a mulher D. Custódia de Macedo, da quinta da Faia, em Santiago da Faia, moradora na casa n.º 7 do cabido, da rua do Forno (localizada no actual n.º 23 da dita rua). Neto paterno de Francisco da Grã de Moraes, falec. 1/4/1633, e de sua mulher D. Margarida Rebelo de Mesquita, moradores que foram na referida rua do Forno. Casou, em Guimarães, com D. Helena Machado. Viveram no Rossio de S. João, em Braga (AFONSO, ob. cit., sep. “*Distrito de Braga*”).

²⁷ Lourenço José de Coimbra, Fidalgo da Casa Real, Senhor do Morgado dos Coimbras, foi filho de José de Coimbra de Macedo e de sua mulher D. Ana Falcão Cotta. Casou com D. Clara da Silva, filha de Jerónimo Pinheiro da Fonseca e de sua mulher D. Isabel da Silva Ferreira (GAIO, ob. cit., tit. Coimbras de Braga, §1, n.º 6).

²⁸ Constantino da Cunha Sottomaior foi filho de Adriano de Teive de Almeida e de sua mulher (casamento em 1626, em S. Vítor), D. Catarina da Cunha Sottomaior, falec. 1692. Neto materno de Jerónimo da Cunha Sottomaior e de sua 1.^a mulher, D. Ana Fonseca de Abreu (AFONSO, ob. cit., Sep. “*Bracara Augusta*”).

²⁹ Cavaleiro principal.

³⁰ O mesmo que arco-íris. De notar que choveu na 3.^a, 4.^a e 5.^a feira. Assim, por razões meteorológicas, não se realizaram escaramuças nos dias 3, 4 e 5 de Janeiro de 1685.

³¹ Luís de Barros Gavião (acima referenciado, em nota).

³² Fernão Rebelo de Mesquita, “*cavaleiro do Salvador*”, foi baptizado em S. João do Souto a 18/2/1658. Filho de Francisco da Costa da Grã de Mesquita e de sua mulher D. Helena Machado, casou em 1.^{as} núpcias com D. Guiomar de Azevedo Peixoto, filha do Lic. Luís Leite

Ferreira e de sua mulher D. Inês de Miranda. Vivia na sua casa do Campo da Vinha, junto à igreja das freiras do Salvador (AFONSO, ob. cit., sep. "O distrito de Braga"; GAIO, ob. cit., tit. Grã). Tinha 26 anos em 1684.

³³Leonardo Lopes de Azevedo foi pai do cavaleiro Pedro Feio de Azevedo (acima referenciado em nota).

³⁴Francisco Pereira Brandão "cavaleiro das damas", 4.º administrador do vínculo do Muro do Judeu, foi filho de Manuel Lopes Brandão e de sua mulher D. Maria Barbosa de Faria, moradores no Campo de Santa Ana; foi baptizado em S. Vítor, a 24/9/1662 e falec. na Torre de Aborim a 24/2/1747. A fim de evitar demandas sobre a sucessão da casa de Aborim casou com sua prima co-irmã, D. Maria Barbosa Escobar Coutinho de Lacerda (AFONSO, ob. cit., "O distrito de Braga", vol. 1, pag. 98). Tinha 22 anos em 1684, e vivia no campo de S.^{ta} Ana, em Braga.

³⁵António Pereira do Lago Senhor da Casa de Passos, no Areal, freguesia de S. Vítor, onde faleceu a 6/8/1701, foi filho de João Pereira de Araújo, vereador em Braga, Juiz dos Órfãos em Braga em 1633, gentil homem de cavalo, cavaleiro da Ordem de Cristo etc. e de sua mulher, D. Isabel Barreto.

Casou em 1.^{as} núpcias, em Figueiredo, Amares, em 22/1/1683, com D. Catarina de Melo, filha de Pedro Gomes de Abreu e de D. Inês de Azevedo, Senhores da Casa e quinta do Vilar, junto à Ponte do Porto (GAIO, ob. cit., tit. Aranha, § 197, tit. Azevedo, § 133).

³⁶Jerónimo da Rocha, Senhor do Morgado de Semelhe, foi filho de Manuel da Rocha Pimentel (O. M. 28/3/1664) e de sua 1.^a mulher D. Ursula, filha de Francisco Vaz Tinoco, tabelião Geral de Notas da cidade de Braga. Casou com D. Ângela Gamboa (GAIO, ob. cit., tit. Rebelo, §9, n.º 17). Tinha cerca de 28 anos em 1684.

³⁷Leão Bravo da Silva é pai do cavaleiro Diogo Bravo de Meneses (acima referido, em nota).